

A Pintura,

POEMA

EM TRES CANTOS.

A Pintura,

POEMA EM TRES CANTOS :

Offerecido

AO MUITO ALTO E MUITO PODEROSO

SENHOR D. MIGUEL I,

REI DE PORTUGAL, ALGARVE, ETC.

per

JOSÉ DA FONSECA.



PARIS,

NA OFFICINA TYPOGRAPHICA DE RIGNOUX,
rua des Francs-Bourgeois-St.-Michel, n° 8.



M DCCC XXIX.

A El-Rei.

SENHOR,

*Debaixo dos auspícios de
VOSSA MAGESTADE (de
quem as artes hão de receber
todo o brilho e favor, que os
Réis, augustos Avós de VOSSA
MAGESTADE, lhe presta-
ram em Seus gloriosos e felices*

*reinados) me atrevo a pôr esta
tenue producção.*

*Digne - se VOSSA MA-
GESTADE scudal-a com Seu
excelso nome e patrocínio, e
acceitar os puròs votos, que
faz polas Suas prosperidades, e
de toda a REAL FAMILIA,*

Senhor,

DE VOSSA Magestade

O mais humilde e leal vassallo
José da Fonseca.

Prefacio.



A minha intenção (quando examinei as obras-primas de pintura, que existem na galeria do Louvre, e n'outros museus, e palacios d'esta capital) foi dar, vertido em language, á mocidade portugueza, que s'applica a tam bella arte, algum dos poemas, que homens doctos, assi francezes, como de outras nações, compozeram acerca dos requisitos necessarios ó joven artista, ¹ para poder

¹ Não devo deixar em silencio os nomes de José Nunes, e Nicolau, dous condiscipulos meus na aula-regia do desenho em Lisboa. Ambos estes môços eram doados de espantoso talento pictorico; e, a não ser a fatal invasão franceza, talvez suas composições futuras lhe grangeassem um eterno rendimento.

encetar a vereda trilhada per tantos Genios illustres, cujos nomes serão pronunciados com admiração, e respeito per tódos os que sabem avaliar o merito dos gloriosos trabalhos, que elles legaram a seus conterraneos, e vindouros. Li pois com summa attenção esses poemas, e notei, que muitos stavam cheios de termos technicos de pintura, e de regras (o que so póde ter logar n' um *tractado* em prosa da dicta arte) além de conterem, a spaços, longuissimas dissertações sentenciosas, moraes e metaphysicas (que é o sainete com que a mor parte dos modernos poetas adubam suas composições) sôbre serem os cantos de tal extensão, que cançam o leitor, ja atediado co' a seccaça, quasi inherente ó poema didactico. Reflecti então, que um poema, assi tecido, so conviria, quando muito, ós artistas; mas que as pessoas, que

n'uma obra poetica querem deleitar-se (e este é sempre o alvo do maior número) mal o poderiam ler duas vezes. O benemerito professor regio José da Cunha Taborda, tirou em vulgar as *Regras da Arte de pintura*, scriptas no idioma italiano per Miguel Angelo Prunetti. N'esta excellente obra podem os alumnos portuguezes soltar suas dúvidas, e heber os preceitos mais urgentes á composição d' um quadro; bemcomo na *Arte da pintura* de Philippe Nunes, reimpressa em 1767, podem igualmente aprender o que se chama *mechanismo pictorico*; isto é, as medidas do corpo humano, o modo de preparar as tintas, etc.

No *ensaio* que dou a publico, so tracto d'alguns preceitos indispensaveis, ó *desenho, côr, e invenção poetica*; alargando-me, todavia, no que os ar-

tistas chamam *sublime da arte*, ou *estro poetico-pictorico*, como materia mais interessante e aprazivel ó commum dos leitores, que so decidem do merito d'um poema pelas commoções, que lles suscitam os episodios, descripções, e o aparado do metro; sem terem em mor valia a parte technica; visto ser ella a que menos se accommoda á sua comprehensão.

Virgilio, Horacio, Boileau, Pope, etc., bem advertiram, que so dando a suas didacticas composições uma extensão razoavel, e embellezando-as com variados episodios, e uma dicção castigadissima (sem comtudo omittirem as regras geraes das sciencias, que cantaram) é que seriam lidos sempre com delcete per todos os que prezam as bellas-artes, e são dotados de gosto e sensibilidade. Foi pois a estes grandes

homens que eu me acostei, assi na teia d'este *ensaio*, como na longura dos cantos, e mais partes componentes.

Em poemas, que tractam de pintura, escolli, ou imitei aquelles trechos, que tive por mais adequados a meu proposito. O mesmo fez Camões nos *Lusiadas*, imitando varios logares da *Eneada* de Virgilio; e outro-si Boileau, na *Arte poetica*, inserindo-lhe muitos versos da de Horacio. Quanto ás palavras, e locuções, trabalhei, o que em mi coube, por que fossem legitimamente portuguezas, isto é, auctorisadas pelos nossos auctores de bom cunho antigos, e modernos; e, póssó affiançar ó leitor,

‡ Aqui, em Paris, começaram a traduzir em francez (com o titulo de *Romances portuguezes, e brasileiros*) alguns poemas epicos, e outras obras em prosa nacionaes. Mas se estas versões saírem tam boas como as que eu li da

que, sem a menor hesitação, citára em seu abono os nomes dos dictos auctores, e as obras onde as colhi, se a brevidade d'este scripto q permittira.

Não menciono as difficuldades, que tive a vencer n'um assumpto em que nenhum poeta nacional (que eu saiba) screveu; mormente sendo este genero de trabalho quasi alheio a meu mister, que nunca foi compor versos, antes sim manejar o lapis, e o pincel; como, por vezes, pratico em os vagos, que a instrucção da mocidade (a que me entreguei) me deixa livres,

A admiração, e prazer, que sempre me causaram os quadros de nosso im-

tragedia de *D. Inez de Castro*, do nosso *Ferreira*, e do *Caramuru*, de *Durão*, etc., bem poderemos exclamar: — « *Ah pobres auctores, em que mãos caistes vós !!!* »

mortal Vieira Lusitano, do insigne gran' Vasco, do facundissimo Pedro Alexandrino, etc.; e tambem os de Raphael, Rubens, Ticiano, Poussin, Mignard, Carlos Le Brun, Le Sueur, e outros, é que unicamente me alentaram a este arrojô, tam superior ás minhas forças. Será pois injusto e malicioso quem pretender julgar esta producção como parto d'um homem, que deseja ostentar de poeta. Eu não aspirô a grau tam elevado; so peço ó leitor indulgente, queira olhar o scripto, que lhe offerto, como um pequeno echo, que, talvez, desperte algum Genio valído de Apollo (e muitos conheço eu em Portugal) a desbastarem a rudeza d' este esboço. As estranhas nações ja possuem varios poemas sobre a *pintura*; e não é bem que a possa (que em outros ramos litterarios as precedeu, e vantajou) lhe fique inferior n'este.

Sendo eu inteiramente alheio a discussões, e acontecimentos politicos (unico emprego hoje de muitos) e vivendo, como vivo ha onze annos, ausente de minha patria; em nada mais intendo do que contribuir com minhas debeis posses á instrucção da mocidade portugueza studiosa; de que ja lhe dei provas no *Epitome da Historia antiga*, que imprimi; afora outras obras em que trabalho, para seu uso, e que algum dia sairão á luz.

Como é de crer que a orthographia (per mi seguida n'esta obra) dê nos olhos a alguns hypercriticos, não avezados a afastar-se da que elles chamam *usual*, e a menos defeituosa possibil; ja de antemão lhes declaro, que não havendo ainda em Portugal um systema fixo d' orthographia, nem mesmo dous dictionarios, que sôbre este ponto con-

cordem, fui forçado examinal-a em os mestres da lingua; quero dizer, nos classicos: «e, bemque estes profundos Genios (como assisadamente ponderou um scriptor nosso¹) occupados todos em crear pensamentos novos, e dar-lhes a belleza de que era capaz o idioma, deixavam a orthographia, como cuidado pouco merecedor de se n'elle empregarem seus grandes talentos,» não obstante, quem os ler com attenção, verá que elles tinham (geralmente fallando) uma orthographia em vista, e é a etymologica. Querer julgal-os pelas edições viciadas de typographos, e amanuenses pouco instructos na lingua, é obrar malignamente. E ora quando mesmo elles não guardassem uniformidade na orthographia das palavras, acaso os dictionarios,

¹ O moderno edictor da *Lusitania-transformada* de Fernão d'Alvares do Oriente.

que se depois publicaram, e os livros modernos, teem regular orthographia? O nosso grande lyrico Francisco Manuel ponderou isto mesmo, nos seguintes termos;

« Os que hoje seguem (diz elle) (e são os menos advertidos, e menos doctos) a *orthographia mixtiforia* (a corrente) tam disparatados, e tam extraviados andam em seu uso, que, conferindo as scripturas de uns, e de outros, disseras, que compoem em tantas linguas, ou vasconços, quantas são as composições suas: polo que os bons scriptores se encostaram, o mais que lhes foi possibil á *etymologia latina*, como á mais arrazoada, e á mais segura.»

Eis o que eu pratiquei na d'este *ensaio*; e bemassina *collecção* intitulada *Parnasso Lusitano*, publicada em París, o anno

de 1827; auctorisando, em as notas que addi á dicta obra, todas as licenças, ou estranhezas orthographicas, com exemplos de homens, que hão voto na materia. Encommendo ás pessoas, a quem prazem studos philologicos; queiram consultar, e ler as referidas notas; pois a limitada estreiteza d'este prologo não me permite discutir o que ja pela sobre-dicta *collecção* esparzi, quando o texto das peças originaes o requeria.

Não emtanto, como um critico (d'estes que leiem de afogadilho, e nunca amainam de sua teima) em uma de suas *atarefadas compilações*¹ (que ha pouco saiu do prelo) quer, d'algum modo, inculcar sua orthographia *a mais regular e menos viciosa*, tractando de *extravagantes* os que procuram seguir os clássicos, expur-

¹ O novo Diccionário portatil portuguez-francez, e francez-portuguez.

gando (bemcomo elles fizeram) a lingua portugueza de certas durezas, hiatos, e sons nazaes, v. g. *a seus*, em vez de *aos seus*, etc.; *mi*, *assi*, em logar de *mim*, *assim*, etc.; *per* não o confundindo com *por*, etc.; evitando que o diphtongo *ão* seja ora breve, e ora longo (qual o faz o mesmo critico) per exemplo em *formão* (ferro de carpinteiro) e *formão* (terceira pessoa no plural do presente do verbo *formar*). Quer elle tambem que se screva *feriò*, em vez de *feriu*; *lan*, *irman*, em logar de *lã*, *irmã*; *d' cerca* por *acerca*, e infindos outros absurdos. Moraes, em seu estimavel dictionario, serviu-se da desinencia *iu*, e não *io*. Barros, Lucena, Duarte Nunes, etc., souberam distinguir a preposição *per* de *por* (como fazem os Francezes em *par*, e *pour*, e os Latinos em *per*, e *pro*) e sempre screveram *lã* ou *lãa*, *vã*, *irmã* ou *irmãa*, etc., *formão*, e *for-*

mam. Ora parece-me que antes devo seguir a orthographia ¹, e os dictames d'estes homens, que ja gozam permanente reputação no consenso dos sabios, do que as dogmaticas decisões do senhor critico, que inda até hoje não screveu cousa digna de se ler.

Fecho este prologo, pedindo ó leitor benevolo, queira desculpar meus erros e descuidos, como nascidos de pobreza d'ingenho, e não da mingoa de vontade em off'recer-lhe cousa digna de sua approvação, e contento.

¹ V. o meu *diccionario manual* portuguez.



A Pintura.

CANTO PRIMEIRO.

O Desenho.

Rival da natureza, arte sublime,
Que ó traço unindo a côr, em lisa téla
Representas do globo os entes varios;
Cantar-te quero: delphica deidade ¹
Esforça meu lavor, e o ingenho inspira.

O' tu, que da pintura o longo stadio
Anhelas percorrer, se em tenra quadra,
(Qual a eximio vate) a sacra chamma
Te não roja na mente, emvão te afanas
Por alcançár das Graças os favores:
A palheta depõe, depõe pinçeis;
Tenaz applicação é, sem talento,
Nas obras de prazer, debil recurso.

¹ Apollo.

Mas tu, dos ceos mimoso, tu de Urania ¹
 Presadissimo alumno, a quem as Artes
 Embalaram o bérço; que da Glória
 O alcaçar, um dia, entrar pretendes;
 Largo tempo examina attentamente
 Qual o genero seja, em que te exerças;
 Muitos ha na pintura; e ó cauto artista
 Um so, ó genio seu, ajusta, e adapta.
 Se da história revolve annosas folhas,
 Dos sabios, dos heroes lendo as acções,
 Ja se altera, se accende; ei-lo bosqueja
 Com rasgos magestosos e valentes,
 O fero acommetter de imigas hostes;
 Do sanhudo guerreiro o torvo aspecto;
 Dos escudos o embate; o audaz meneio
 Dos ligeiros corceis, que peito e peito
 No dilatado plaino encontroando,
 La rôdam, la fencem, la derrubam
 Horrisono esquadrão, que lhe resiste.
 Aqui, dispara a setta o cavalleiro
 Na rapida carreira, e vai toando
 Do retesado loro o agudo estálido.
 Alli, espolios mil o campo alastram;
 Ou do vasto elephante a tosca mole
 Esmaga, porfiosa, homens, e brutos.
 Além, d' uma cidade o altivo muro
 Esboroado rue pelo vulcaneo

¹ Venus-Urania ou celeste.

E sibilante raio, que enea bôcca,
Com horrido rebonbo, vomitara.
D' esta arte o gran' Le Brun,¹ em seus retab' los,
De Alexandre,² ou Luis,³ memora os feitos.

Se nos hortos da Biblia sagrada
Desejas escolher nítidas flores,
Ou de sanctos varões lembrar milagres,
Eis te acenam Poussin,⁴ Vieira⁵, e Pedro⁶,
Diversas producções alardeando :
N' ellas as tres Irmãs,⁷ seus ricos dons,
Com a pródiga mão, verteram meigas.
Poussin, o vago povo israellita
Em alpestricos serros apresenta,
Quando de sêde exhausto, e de cansaço,
O divinal soccorro implora ancioso.
Toma a vara Moysés, e a rocha fere :
Oh assombro ! oh prodigio ! clara lympha
Do pedragoso seio lhe rebenta.
Os consortes, os paes, as mães, os filhos,
Em confuso tropel accorrem, voam
A metigar o ardor, que os devorava :

¹ Carlos Le Brun, insigne pintor francez.

² Alexandre Magno.

³ Luis XIV, rei de França.

⁴ Nicolau Poussin, célebre pintor francez.

⁵ Vieira Lusitano.

⁶ Pedro Alexandrino de Carvalho.

⁷ As tres Graças.

Qual se debruça; qual na sêcca bôcca,
A golpes, com a mão, água recolhe;
E qual em amplo vaso a deposita,
Para prestes leval-a á cara spôsa,
Que deitada no chão, desfallecida
A-la-par dos miserrimos filhinhos,
Os ja languidos braços ergue, e estende.
Este as palmas levanta, e um hymno entoa
Ó superno Fautor da natureza,
Por tam grave, e tam alto beneficio.
Excellentê painel, oh quantas vezes
Em suave emoção embriagado,
A olhar-te passei gratos instantes:
Tal é o podêr teu arte divina!

E, se ós lusos retabulos te voltas,
Que scena te offerece vênêranda
De Vieira o pincel! Aqui assôma
O seraphico padre ¹ recebendo
De Jesu redemptor as sanctas chagas:
Mais distante, sentado em combro hervoso,
Outro pio varão embevecido
Em celeste leitura, nos presenta
Um transumpto fiel da branda paz,
Que os veros cenobitas desfructava:
De emtórno lhes surri a natureza:
Roseado horisonte, umbrosos valles,

¹ San' Francisco.

E o trepido ribeiro, que murinura,
Tudo n' alma diffunde um gôzo puro.

De Pedro que direi, e quadro egregio,
Que o martyrio afigura de Cath'rina? ¹
Que direi de gran' Vasco? ² de Cyrillo? ³
E d'outros Genios taes, que a patria honoram?
O' alumno, estes sejam teus modelos:
Suas obras estuda, de mor prêço,
Que as regras todas, que prescreve a arte.

Agrada-te inda mais da natureza
Os ridentes prospectos debuxar-nos?
Toma o lapis na mão, e em celso outeiro,
D' onde extensas campinas descortines,
Risca sôbre o papel os densos bosques,
E as limpidas águas serpeantes;
Os tímidos cordeiros, nedeas oves,
Que do prado a graminca relva tósam:
Seu guardador nos mostra circumdado
De rafeiros sollicitos; e perto,
Em tortuosa senda, a pastorinha,
Que da cidade volve á rude aldeia,
Depois de ter vendido os dons de Pómona,
A nata, o requeijão, presentes de lo;
Ou o leite, que o tarro, em ondas, sólta.

¹ A degollação de sancta Catherina.

² Pintor portuguez.

³ Cyrillo Wolkman Machado.

Mas ah! quanto me incanta, e me arrebatada
 Esse fido pincel, que o perfil traça
 D' uma spósa leal, d' um firme amigo!
 Oh ideia feliz! ¹ mercê dos numes!
 Tu á urna cinerea o ente evades,
 E fazes, que entre nós, perpétuo exista.

O ledó Teniers ² vereda nova
 Na pintura encetou: em vivas côres
 As aldeanas festas nos retrata.
 Aqui, rustico par, com leves saltos,
 Da gaita, e do pandeiro ós sons acordes,
 A companhia diverte: além sentados
 Singelos aldeões emroda ás mesas
 Cobertas d'iguarias fumegantes,
 E de bojudas taças onde spuma
 O férvido liquor do deus thebano, ³
 Com vermelho semblante, alegres, bebem.
 Se te apraz da pintura este aureo genero,
 O traslado aqui tens, que imitar deves.

Artistas ha, porém, que so estimam
 Da liberal natura os dons mais tenues:
 Uma flor, um insecto, um verme, um peixe,
 Nadando em vitrea urna, os mineraes,

¹ O retrato.

² Pintor flamengo.

³ Baccho.

As fructas, e os volateis habitantes;
Os quadrupes, alúm, objectos são
De sua assiduidade, e seus desvelos:
Taes pinturas recreiam, se o copista
Fielmente seguiu o seu archétypo.

Agora, do desenho, o' mdoço alumno,
Vou as regras expôr-te: apenas tenhas
Um genero adoptado; em lar occulto,
Ou sob essas abobadas, que tecem
Os mobiles-opácos arvoredos;
Ou mesmo no silencio d' álta noite,
Do quadro teu, na idcia, arranja o plano:
Empunha o rubro lapis, e na téla,
Ou na gessada tábua, circumspecto,
Os grupos destribue das personagens,
Que o vacuo spaço encher, airosas, devem.
A principal, entre ellas, lustre, e seja
Logo emfronte da scena collocada,
Evita a confusão nos accessorios:
Das figuras o risco ignale as voltas
Coleadas da serpe, quando irosa
Contra a aguia s' empina; ou quando, tímida,
Vai, rojante, esconder-se em balsa spessa.
As roupagens em poucas anchas dobras
Sejam, com elegancia, recamadas.
Esguarda, sôbretudo, que os objectos,
Ó longe situados, não desvairerem
A gradação, que a vista lhe assignal-a.

O geometrico estudo é necessario
 Para, exactas, medir as longitudes.
 De Lavater,¹ tambem, vérsa os escriptos :
 Somente, ó pharol seu, pod'rás, sisudo,
 Das figuras, que a mão tua gizara,
 No semblante stampar as paixões d'alma.

Inda tudò não é: la d' Esculapio ²
 No respeitoso templo³, jaz lançado
 Em alizada lage um corpo immobil.
 Co' o scálpelo na mão, co' os olhos fixos
 Em cad'uma das vértebras, explora
 D' esse corpo os recantos. Tu palpitas!...
 Tu recúas de horror!... O' caro alumno,
 Põe de parte o receio!... Ah! vem, prescruta
 Esses tubos, e fibrás, que antes eram
 Orgãos da vida; desconcerta as molas
 Da humana collocatura, e investiga
 Dos ossos a junção, e o labyrintho
 De nervos sinuosos; emfim, busca
 N' esse frio cadaver, a existencia.
 So as peças movendo d' essa máchina,
 Ser-te-ha dado exprimir em dous ath'letas,
 Que luctam fadigosos, os robustos
 Braços, e pernas, que estalar parecem

¹ Physionomista suiso.

² Deus da medicina.

³ O hospital.

Co' os duros constringidos movimentos.
 O estudo anatomico te ensina
 A correcto formares, e gracioso,
 Os difficeis escorços : de protótypo
 Te sirva esse venusto gladiador,¹
 Que a Grecia imaginou, ou esse Laócoon,²
 Portento da sculptura, onde a agonia,
 E a desesperação mescladas jazem
 Com tanta dignidade, e vigor tanto!

Se uma esbelta figura lavar queres,
 Per dimensão lhe assigna, invariabil,
 A cabeça oito vezes repetida:
 Eis a regra, que impõe ó novo artista,
 De Belvéder o Apollo³ incomparavel.

Consulta das nações os varios usos,
 Os seus trajos consulta, e charactéres;
 Suas historias lê; folheia os livros,
 Que as vidas dos pintores nos revocam:
 Folheia os que em si guardam abertas⁴
 De Herculano as reliquias preciosas,
 E de Grecia, ou de Roma os monumentos:
 So de lição nutrido tam proficua,

¹ Bellissima statua assás conhecida.

² Filho de Priamo, e de Hecuba, sacerdote d'Apollon: foi morto per duas serpentes.

³ Famosa statua, assi dicta.

⁴ Ao buril.

Poderás em ideias ser facundo;
 O verosimil dar ós quadros teus;
 E purgal-os do feio anachronismo.

Ja as artes, outrora, em Roma, foram
 Ó acumen supremo realçadas,
 Quando os vultos dos Cesar's, dos heroes,
 La, nas praças, e ruas aprumados,
 Povo mudo par'ciam; porém logo
 Que os Romanos ós vicios se entregaram,
 E em guerras intestinas desunidos,
 Sua indole e forças perverteram;
 Estourou la do norte essa atra nuvem,
 Que as hordas expelliu sangui-sedenta
 Do feroce Alarico, ¹ d' esse açoute
 Do grande **ЖЕНОУАН**. O monstro impio ²
 Co' a dextra furiosa o raio atira,
 E da eterna-cidade³, ó chofre horribil,
 Os fortes edificios baquearam;
 E os Romanos, as artes, e os seus deuses
 Entre as ardentes pedras se extinguiram.

Em eras mais ditosas, Miguel Angelo, ⁴
 E de Urbino ⁵ o portento, o facho arvoram;

¹ Rei dos Godos.

² Alarico.

³ Roma.

⁴ Pintor florentino.

⁵ Raphael Sanzio

(v. 231) CANTO PRIMEIRO.

Baixam a esses ocos cavernosos,
E d' elles, com trabalho ímprobo, arrancam
As insignes estatuas mutiladas,
Que ó soldado eversor se subtrahíram.
Á vista de tam raras maravilhas,
O fogo sacrosancto lhes rutila
Nas mentes sublimadas; e concebem
As obras immortaes, que a Fama exalta,
E dos vates acclama a lyra eterna.

Amada patria minha, se inda um dia,
Em teu gremio, eu deviso as bellas-artes
Serem do solio augusto bafejadas,
(Quaes em mais aureos seculos ja foram);
Se os Lusos, detestando o ócio ignavo,
E a arteira política, que os roe,
Os braços lhes alongam protectores;
Contente descerei ó negro túmulo;
E os suores meus, minhas vigílias,¹
Bem-direi satisfeito. Oh apressura-te
Tempo tam desejado! Ah, vem, permite
Que as estranhas nações decorem, honrem
O nome portuguez, bemcomo outrora
Em as armas, e letras o acataram.

¹ Alludo a um dictionario classico-etymologico da lingua portugueza, em que trabalho ha oito annos, e que é muito mais copioso que o de Moraes.

Mas, compete-me aqui fechar o canto:
Ainda assumptos dous, pinceis me pedem.

FIM DO PRIMEIRO CANTO.

CANTO SEGUNDO.

A Cór.

Astro brilhante, cuja luz fecunda
As plantas avigora, os entes gera;
Tu douras com teus raios o universo;
Penetras do rochedo a profundeza;
E apos a horrífica borrasca,
Do náuta, ou viajor, o peito alegras.
Sem ti, o' igneo Phebo, pôde o vate
Dos heroas louvar as facções bellas,
E em seus versos magnílocos subil-as
Ós firmes penetraes da eternidade;
Mas baldos ó pintor foram desvelos,
Nula fôra a sua arte, se indignado
Teu benéfico influxo lhe negaras.

O mortal pensador e curioso,
Que a penhasco eminente recostado,
Viu cascata bondisona, fervendo,
Seu respiro exhalar em branca escuma;
E, tombando depois de cancho em cancho,
(Ja crystallino tanque na verdura)
Em regatos voltívagos soltar-se:

O mortal, que alargando a vista absorta
Pela cortina c erula dos ares,
Viu penn fera turba variagal-a;
Ou viu no undoso p go os nadadores
Dos lombos escamigeros vibrando
Rev rberos de luz, em curvos saltos:
Ou tambem pondo os olhos n' essas mass
De fragosos rocados, onde impera
Nodoso e alto tronco vegetante,
Que   p so não vergou de idades cento:
A harmonia notando portentosa,
Que n' este quadro augusto se derrama;
Cuidadoso extrahiu das rijas veias
Dos secretos metaes, ou ja das plantas,
Essas côres, com que um dia, qual Prom theo,
Animadora flamma   teia applique:
Sete pode alcançar, que, confundidas
Na delgada palheta, outras diversas
Lhe fornecem, em t do adequadas
Os objectos, que a mente lhe suggere.

Quam bem soubeste, Raphael divino,
A mescla combinar das várias tintas!
Que prim res vivacissimos sparze
Teu mágico pincel, quando me antolhas
Essa unica Phenix, virgem pura,¹
Com o Jesu menino em seu regaço!

¹ Verso de Camões.

Ou quando, em estro ardendo, delinias
 Esse archanjo Miguel, co' a invicta lança,
 Debellando, pujante, a orgulhosa
 E réproba cerviz do torvo Sátan!
 Ou, alfim, essa scena memoranda
 Da Transfiguração no monte Tabor!
 Extactico, suspenso, a vista emprégo
 N' estes milagres d' arte, e reverente
 Bem-digo o Creador, que te infundira
 Desenhos tam altívolos na ideia.

Quanto é arduo, nas artes, o guardar-se
 A justa porporção! Raro é que o alumno
 Inpellir-se não deixe da torrente
 Do mau gôsto do seculo em que vive.
 Aj se elle o studo engeita dos antigos,
 (Que á singela natura so visaram)
 Para co' o vulgo comprazer ignaro,
 Que a novidade préza, acolhe, e exalça!
 A schola de David ¹ banniu em França
 A dos Le Bruns, Poussins, Sueurs, Coypels.
 Um colorido recortado e duro,
 Que mais similha o marmore, que as dociles
 E morbidas da pelle cavidades,
 É hoje preferido ó de taes mestres!
 Assi de Byron, ² ou Delille ³ os carmes

¹ Pintor moderno bem conhecido.

² Lord Byron.

³ O abbade Delille.

Ora os pœtas juvenes deslumbram ;
 Porém essa illusão tem de esvair-se,
 Qual a nevoa subtil em manhã fresca.
 Os afamados padres da poesia
 Grand' Homero, Virgilio, Camões, Tasso,
 Milton, e d' Arouet ¹ inimitaveis,
 O phanal serão sempre dos que aspiram,
 Como elles, no Parnasso collocar-se.

Oh das côres prestigio voluptuoso !
 Ainda na lembrança, impressa, guardo
 Essa calada noite incantadora,
 Que um pincel energissimo e romantico
 Traçou tam habilmente. Prateava
 Com trémulo reflexo a irruã de Phebo
 De sonoro rio as lentas aguas.
 La vetusto palacio a grimpa alteia
 De uma opposita riba na planura.
 Em subida janella rubro phósphoro
 A serpentina luz espalha, e alonga
 Pela vasta amplidão do liso estanho.
 Eis lindissima dama manso, e manso,
 Co' as breves lacteas mãos a grade empurra,
 Que a entrada franqueia ó edificio:
 Em diaphano véo o rosto occulta;
 E aligeirando o passo, inquieta, chega
 Á orla da ribeira, onde a aguardava

¹ Voltaire.

O terno extremosissimo mancebo,
Que captivar-lhe soube o esquivo affecto.
Em concavo batel entra com ella,
E alentado, e agil vai abrindo,
No bracejar remigero, a ardentia.
A barca resvalando velozmente
Pela liquida veia, emproa a margem
De viçosas florinhas estrellada.
A dama salta em terra, e o cavalleiro;
Que perplexo, anhelante, e dubio ainda
De tam alta ventura, pára, escuta,
E os olhos retorna ó claro argento,
Receiando que alguém lhe siga o encalço.
Seu brioso ginete, que o conhece,
E juncto a si o ve; o aceso freio
Ja, insofrido, tasca; o chão escarva;
Agita a um lado, e outro o corpo airoso;
Pavoneia a cabeça; talha os ares
Com as bastas e flávicomas crinas;
Pelas pupúreas ventas fuma, e offéga;
Arqueja, não repousa, em quanto encima
Do nedio e seguro dorso o pèso
Não acceita dos dous enamorados;
E depois (qual tufão, que varre os campos)
Através d' extensissima floresta,
Em longiqua morada os deposita.

Ólha da cypria deusa o bello aspecto,
Ólha as fórmas gentis, o eburneo scio,

E o sendal, dos lírios pouco avaro: ¹
 Contempla-a, quando corre o niveo braço
 Em tórno ó pardo collo de Vulcano,
 Para terna e fagueira alcançar d' elle
 As refulgentes armas para o filho. ²
 Que notavel contraste não off'rece
 A macia-alva pelle de Acidalia
 Com a fuliginosa-rude pelle
 Do deus ignipotente? e o seu nervudo
 Agigantado corpo, a par do tenro
 Mimosissimo corpo da consorte?
 A palbeta prepara, o' môço artista,
 E n' esse interessante grupo aprende
 A temperar, com symetria, as côres.

Rubens, ³ egregio Rubens, as tres Graças,
 Co' os lepidos Amores, te m'nistraram
 As fresquissimas tinctas, que assentaste
 Nos ricos quadros teus. Ceos! quam gostoso
 N' esse Louvre magnífico, que adorna
 Em Lutecia ⁴ real, do Sena as abas,
 Discorri com a vista inclitos lances
 De Henrique, ⁵ e de Medicis! ⁶ Salve oh grande

¹ Verso de Camões.

² Eneas.

³ Pintor flamengo.

⁴ Paris.

⁵ Henrique IV, rei de França.

⁶ Maria de Médicis, sua sposa.

Ingenho, que brotaste taes portentos!
 Homero da pintura! ah quantos sec'los
 Ainda rodarão, antesque surja
 Outro Genio, que o teu, no vôo atinja!

Quantas flôres, tambem, do pincel vertes
 Ameno Ticiano,¹ se apresentas
 Sôbre coxins setíneos reclinada
 Do rîgoroso Acrisio ² a nua fîlha,
 Que de Jove o lascivo fogo atiza,
 Quando em gôttas auríferas mudado,
 A libar-lhe desceu nos roseos labios,
 Outro nectar mais grato e saboroso,
 Que esse que Ganimedes ³ lhe dispensa
 La no excelso Olympo, em mesa etherea.

De Vernet ⁴ immortal os vivos quadros,
 Que scenas da natura, que phenómenos
 Ós transportados olhós assoalham!
 Eis obumbrado o ceo medonho e feio,
 O annúncio me dá calamitoso
 De horrenda carrancuda tempestade.
 Ja se encarneira, inchado, o equoreo camípo,
 E, berradores, no ar, Euros pelejam,

¹ Pintor italiano.

² Veja-se o dictionario da Fábula.

³ Copeiro de Jupiter.

⁴ Pintor francez.

Que os lenhos fluctívagos açoutam :
 Desata-se em grossísimos chuveiros
 De procellosa nuve o bôjo enorme :
 Nos cachopos, em flor, ondas rebentam :
 As alcíóneas aves ¹ vão rasando
 Co' as pont' agudas azas o mar turvo :
 Ó longe côr sanguinea se distende
 Pela comprida costa, e altos teitos
 Da marítima Cette.² Oh homem raro!
 Atado no baixel ó grande masto,
 Com o lapis em mão, tu rascunhavas
 Esse choque feroz dos elementos;
 Entretanto que os nautas descorados,
 As ruidosas vélas amainando',
 Esquivar-se procuram do profundo,
 Que as fauces lhe arreganha voraduras.

Em quadros teus evita, o' môço artista,
 Duas luzes contrárias nos objectos.
 O carmim, em as carnes melindrosas,
 Com parca mão dispende; mas nas rudes
 Mais prófuso te mostra. Imperceptibil
 Seja, do forte ó claro, o tom cadente :
 Com dilecção entorna nas figuras,
 E em tudo que as rodeia, ou sobreleva,
 As sombras, e os reflexos : a natura

¹ Maçaricos.

² Villa onde começa o canal do Languedoc.

(v. 195)

CANTO SEGUNDO.

Te sirva de modelo, e as obras-primas
Dos melhores c'loristas : os fluídos
E ondeados contornos não recortes.
De Pedro, e de Vieira as produções,
Guia teu podem ser n' este agro estudo.

Como, o' cel'bre Parrhasio! ¹ outrora o émulo²
Soubestes illudir apresentando-lhe
O quadro teu involto! Elle açodado,
E em desejos ardendo vehementes
De attentar no que o teu pincel creara,
Te bradou, voz em grito — « Ergue esse véo! »

A cidade abandona, môço artista,
Corre ós campos; e la, em roca erguida,
Alça os olhos ós troncos cortiçosos;
Observa como é bronco e escabroso
O remontado solo, em que te esteias:
Abaixa mais a vista, e nota o quanto
Levigando-se vai a saxeia encosta:
Applica-a depois ás rasas veigas,
Verás como o tapete seu relvoso,
Que, a principio, um verde-escuro arceia,
Pouco a pouco, medrando em amplitude,
Em azul-alvacento eis se converte,
Até que la se engasta no horisonte,

¹ Pintor grego.

² Zeuxis.

Se punicco não é, ou roxeiado.
 N' este, da natureza vário aspecto,
 A colorir aprende os quadros teus.
 Com rasgos carregados e distinctos
 Os objectos esboça, que ser devem
 Ordenados em frente; logo, destro,
 Embrandecendo vai os tons, e as côres,
 A segundo a distancia t' o requeira.

Monotonia é do tedio origem :
 Se o público louvor obter desejas,
 Ora a crástina aurora representa;
 Ora do meio-dia os igneos raios;
 Ou, tambem, quando o sol beijando as ondas,
 Co' o sidereo fulgor os montes cora.
 Representa igualmente, em noite estiva,
 Os tibios resplendores permoiano
 Pelas intonsas árvores, a lua.
 Ou, emfim, se mover-me a pavor queres,
 De raivosa tormenta no desmancho,
 Bellezas colhe mil, que me extasiem.

Mais para incitar-te (que instruir-te)
 Da pintura ó insano e longo estudo,
 De minha rude lyra, o' caro alumno,
 Em breve pulsarei as frouxas cordas.

FIM DO SEGUNDO CANTO.

CANTO TERCEIRO.

A Invenção.

Quem ainda outra vez me chama ó Pindo?
Oh d'ê Horacio, e Virgilio sons canoros!
Sois vós que me attrahis; vós me assoprais
Na mente o sacro lume, que ás idcias,
Com célero vigor, se communica.
Ja retómo os pinceis; ja traço o effeito
Que em minha alma senti, olhando da arte
Os milagres pasmosos. Não esperes
De mi seccos preceitos, môço artista.
Longe os tons didascalicos, que enfriam
O peito do leitor : as commoções,
Soimente as commoções acato, e prézo.
Apollo so outorga a seus validos
A doutrina esmaltarem com bons versos;
Porém eu d' esse indulto carcendo,
Os quadros meus ingenuos e concisos,
Com variada tincta aformoseio;
A fim de que alguns animos sinceros ¹
N' elles fctem a vista, e se recreiem.

¹ E não invejosos, ou ignorantes.

Antes, pois, o' alumno, que na teia
Lances os rasgos primos das figuras,
Que a scena compor devem, que no quadro
Eleges expressar; sciente extrema
Das idades o genio, aspecto, e indole.
Ólha como Cupido, e os Amorzinhos
Com jocosa e malina travessurá,
Em quanto o grande Henrique encosta a fronte
No collo da bellissima d' Estrées,¹
Emtórno ós dous amantes se apinhoam:
Um a espada lhe esconde; outro, curvado,
Forceja erguer do chão o capacete:
Outro o scudo remove; e, assistido
De tres lindos consocios, vai impôl-o
Assás longe do heroe: cautos, desviam-lhe
Quanto póssa acordar na ideia sua
Dos combates o aprêsto. Luzem mixtas
A ternura, e a paixão do rei no rôsto.
A par d' elle sentada a meiga dama,
Em os languidos olhos, e nos braços
Mollemente enlaçados no pescoço
Do preclaro amador, bem manifesta
A si mesma, vaidosa, gratular-se
De ter nos ferros seus encadeiado,
Quem per entre as fileiras inimigas,
De po, de sangue, e de suor tingido,

¹ Gabriella d'Estrées: teve amores com Henrique IV.

Co' a fulminante espada derramava
 O pallido terror, e a mortandade.
 Mas do quadro, no fundo, la avulta
 O rígido Mornay, que do torvado
 Mavortico semblante, raios lança,
 Que as volatiles turbas ¹ apavoram.
 Ja ós ares se arremeça o deus frecheiro,
 E as lucidas azas saccudindo,
 Co' os dolosos irmãos, desaparece.
 O vassallo fiel o seu monarcha
 D' esse lethargo acorda vergonhoso
 Em que submerso stava, e diligente
 O conduz a colhêr avitas palmas,
 Que a Victoria, benigna, lhe apresta.

Que impressões não suscita laterantes
 No terno coração o horror da guerra?
 N' esse ameno paiz, honroso ninho
 De impavidos heroes, de nobres artes;
 E que agora ² o barbarico tyranno,
 Que do propheta segue a lei maldicta, ³
 Com ferreo jugo, intenta novamente
 Vexar, e deprimir; n' esse theatro

1 Os Cupidinhos.

2 Estes versos foram scriptos quando a guerra, na Grecia, se proseguia com todo vigor.

3 O gran' turco.

D' estrago, e mortecínio, uma gemente
E lacrymosa spôsa, entre as ruínas
De marmorico templo aguardava,
Abraçada co' o docil filhoso,
O resultado incerto de atroz pugna.
Eis que improvisa bala assoviando,
Ante ella passa o seio ó velho pae
De seu querido spôso, que no campo
Os inimigos da patria combatia :
Baqueia no durissimo terreno
O rugoso varão, e as sôltas cãs
Em seu tẽpido sangue empasta, e mancha :
Rebolca-se na terra o corpo inerte ;
Entre vascas mortaes o alento exhala ;
E a alma lhe voa á massa etherea.
Que fará n'este trance a Grega afflicta ?
Os espantados olhos lança emtorno ;
E vendo que de Turcos hostile turma
A ella se endereça, prompta arranca
Intrepida um punhal, e todo o esconde
No peito do tenrissimo menino :
Vacilla a tenue planta ó golpe infausto,
E, qual o murcho lirio, a fronte inclina :
Os olhos ja nadando em fria morte,
Inda postos na mãe, o ultimo adeus
Lhe dizem mavioso. Ella furiosa
A lamina cruenta em si enterra ;
Da ferida lhe golfa o quente sangue ;
E, co' os braços cingindo o filho amado,

Cai em silencio eterno, eterno somno. ¹
Aprende, em quadros taes, o' môço alumno,
A pintar a tristeza, o susto, a ira,
E todas as paixões, que os curtos dias
Anuviam dos miseros humanos. ○ ◡

Se para est' outro lado os olhos vólto,
La, de Troia belligera no centro,
Juncto ó paço de Priamo, descubro
A dulcissima Andrómacha, mostrando
Ó valoroso Heitor, o filho caro.
Elle os braços estende, para unir
O marcio rosto seu, ó brando rôsto;
Mas, gritando, o menino, salta, e a face
Esconder vai no seio da mãe terna;
Aperta-a co' os bracinhos; não se atreve
Encarar a paterna frente armada
Do elmo auri-luzente, povoado
De comas ondeantes. Ri-se Heitor,
E na terra pousando o capacete,
Mil osculos imprime no filhinho:
Agita-o brandamente; e, affeitoso,
Ó maternal regaço o restitue.
Á sposa, magoado, a vista applica;
E a afaga co' a mão, e assi lhe falla:
« Oh cara! por mi tanto não te afflijas;
Varão nenhum me mandará ó orco

¹ Verso de Bocage.

Antesque o mande o Fado ; nem eu julgo
 Homem haver, que ó fado escapar póssa,
 Ou cobarde, ou valente, desque nasce :
 Tu, porém, para casa te retira,
 E tuas obrás cura, e a teia, e a roca:
 Ás criadas dá cargo que trabalhem :
 A todos os varões, e a mi primeiro,
 Que nascemos em Troia, tóca a guerra.¹ »

So vendo as producções d'insignes mestres
 Poderás, o' artista, iniciar-te
 Nos preceitos innumerados, que pedo
 O composto d' um quadro: imitar debes
 O vate, quando ardendo em chammadas de estro,
 Eis o deus! eis o deus! exclama, e voa
 Ó cumo bipartido : os pensamentos
 Na mente lhe borbulham; véрте a penna
 Centenas d' aureos versos, que as façanhas
 Dos inclitos heroes ó Lethes roubam.
 Como, oh grande Camões ! sentir devias
 Do latejante peito escandecido
 Á veia fecundissima arrojarse
 Essa pesada voz amára e horrente
 De Adamastor membrudo, quando, irado,
 Ó intrepido Gama predizia
 Os desastres fataes dos Lusitanos,
 E a tragica morte do Sepulv'da

¹ Versos de Antonio Ribeiro dos Sanctos.

Com a formosa spósa, e filhos caros,
Na plaga torradissima africana.
Que admirando painel não produzira
Esse invento grandiloco! O' artista,
A palheta tempéra, e fervoroso,
Os pinceis desafoga, bosquejando-o.

Se mais doce retab'lo urdir queres,
Torna ainda a Camões; ólha como elle
Te descreve a lindissima Cyprina ¹
Quando'diante o gran' Jupiter se off'rece.
Oh divino Cantor! teu genio immenso
Com altaneiro vôo abrange os evos;
E, de seu throno a base inalteravel,
Na mesma eternidade o peso escora,

Da natura não vas, porém, absorto,
Copial-a servil; alinda, e escolhe:
Ella é rica sem fausto: desattento
O sacro não mistures co' o profano;
Qual em Roma, n' outra era, Buonarotti ²
Praticou em seu Ultimo-Juizo: ³
Ou tambem nos paineis, que retratarem
Dos martyr's os flagicios, apresentes
Os algozes crueis suppliciando-os:

¹ Venus.

² Miguel Angelo Buonarotti.

³ No portentoso quadro do Juizo-Universal.

Pinta antes o heroe christão ouvindo
Do juiz a sentença; ou melhor inda,
Quando ja libertada a alma innocente
D' esses laços terrenos, que a prendiam,
Radiante de glória sóbe ó empyreo
Per Esp'ritus angelicos sustida.

Porque motivo outrora, e inda hoje mesmo,
Existem corações, que se deleitam
Em ver as cruas âncias, que evapora
A triste humanidade nos tormentos?
Para pintar um Deus no arranco extremo,
A mão de Míquel Anj'lo...¹ ah longe, longe
Do pensamento meu tam negra ideia!...
So um monstro creado entre pantheras!...
Estremeço!... duvido... não... não pósson
O genio nivelar co' o suicidio.

A quadro d' outra specie os olhos volto:
Sóbre tremulos-flóridos doces
Imitou habil mão aereo bando
De raro-lindi-plumas avesinhas,
Suspirando mil quebros namorados.
A espaços, na relva, inertes lagos
São, garbosos, fendidos per alvissimos

¹ Dizem que Buonarotti, para imitar ao vivo a
agonia de Jesu crucificado, passara com uma lança
o peito ao homem que lhe servia de modelo.

Apavoados cysnes, e outras aves.
Adejando o Favonio entre os raminhos,
Das flôres o matiz extrahe, e o viço;
E depois immergindo as leves azas
Nos gelidos crystaes da clara fonte,
Aljofra, lisonjeiro, o verde prado,
Embalsamando as auras respirantes
Co' o halito das boninas pudibundas:
Agracia Pomona esta paizagem :
La do virente fôrro de um rochedo,
Em lapidea grutta debruçada,
Branca naiade perolas estila;
Que em fugiente arroio trasmudadas,
Vão depois desmaiar sob as hervinhas.
Das árvores as sombras balançando-se,
Os objectos avivam circumstantes.
Ó longe sôbresai, d'entre a follagem,
Pequenino er'mitorio, onde apparece,
Em celestes mysterios arroubado,
Jóven anachoreta; mas eis surge
Per detrás de odorifero rosal,
Em transparentes roupas involvida,
Formosissima nympa, que, jocunda,
N' elle a vista apasçenta, desejando
Entre os alvos seus braços suavisar-lhe
A penitencia austera. Se a victória
A bella conseguiu, não poude o artista
Figurar no painel. É dado ó vate
Uma acção concluir em seus poemas :

Não tem jus o pintor a dom tam alto. ¹

Recorre môço alumno ás ficções várias.
 Da fábula engenhosa : o docto Ovidio
 Materia te dará a quadros cento.
 Que ternissima scena elle te offerta
 N' essa, do genio seu, producção vasta, ².
 Quando Apollo irritado contra a nympha
 Que ó lindo jove Emonio ³ se rendera,
 No forte arco embebendo a setta aguda,
 Lhe vara o niveo peito ; porê m logo
 A ira detestando, condoído
 A soccorrel-a voa ; mas embalde,
 Que a mesquinha firmando n'elle a vista,
 Dos convulsos seus labios so desprende
 Estas extinctas vozes doloridas :
 « Ólha que ja es pae, e o proprio filho,
 Que te trago no ventre, d' um sò golpe,
 Cruel, matas comigo. ⁴ » Disse; e os olhos
 A despiedada morte lhe abotoa.

Eu ás margens do Sena, retirado
 Em modesto aposento, estes singelos

¹ Esta descripção é, em parte, imitada do Eremiterio de Kandu, poemeto vertido do Briama Paurana, per M. de Chezy.

² As metamorphoses.

³ Consulte-se o dictionario da Fábula.

⁴ Versos de Antonio Ribcero dos Sanctos.

E humildes accentos desferia ;
Em quanto o grand' Miguel, no solio augusto,
Que tantos réis heroes abrilhantaram,
Na attonita Ulyssea prodigava
Ó lusitano povo os ricos dons
Da sancta e doce paz : enternecido
As lagrymas lhe enxuga ; e as bellas-artes,
O commércio, que a guerra sanguinosa,
Quasi tinha apagado, novamente
D' antre as cinzas resurge : resolutto,
Com a planta herculea o viperino
Collo d' atroz Calumnia piza ; e os pulsos
Da tenarea Discordia preme, e algema
Com cem laços de bronze : as polulantes
Téstas d' Ambição corta : do aureo Tejo
A cohorte afugenta insidiosa
Dos peçonhentos monstros, que em cardame
Suas ribas serenas maculavam.
Rei homem, rei e pae, senhor e amigo,¹
Ja começa trilhar a estrada immensa,
Que vai da natureza á eternidade.

¹ Verso de Antonio Ferreira.

Chata-Karpam,

A AUSENCIA,

IDIÓLO DIALOGADO, VERTIDO DO SANSKRITO.

Shata-Karparam,¹

A Ausencia.



INTERLOCUTORES.

A CONFIDENTE, E A AMANTE.



A CONFIDENTE.

Toldam ópacas nuvens a immensidade dos ceos; e, semelhante ó coração da donzella, que suspira polo regresso do amante, o scio da sitibunda terra é lacerado a violentos golpes.

¹ Traducção de M. de Chezy, membro d' academia-real das Inscriptões, e Bellas-Lettras, professor de lingua e litteratura sanskritas no collegio-real de França, etc., etc.

Temendo a vinda de horrisona procella, fogem os cysnes para as niveas socias; em quanto, ledos os pavões, com guinchos, e cadenciosos meneios, agouram a quéda d'uma spessa chuva.

Jaz, sem véo strellado, o firmamento; e o divino Hari, cedendo ó geral languor, põe ponto a seus cuidados, e respira voluptario ócio no collo da bella Lakchmi.

Salteados pelo rebombo da pejada nuve, que se avisinha, monstruosos elephants (quaes os que esteiam o teraqueo globo) andam ebrios de furor.

Grossa corrente, precedida d'igncos estalos, desaba sôbre as montanhas; rasga mil sendas; e tomba, com rpídoso haque, em medonhas furnas; d'onde rebentam, sibilando, tortuosas serpes.

E ousará o longinquo viandante, transpor esta horrida borrasca, para yir serenar a consorte, que fluctua entre despeito, sustos, e desejos?...

NARRAÇÃO.

Ao ouvir estas palavras) que uma cara amiga lh' endereça) volve de seu delirio a inquieta amante; e, com dorida voz, alça ás acrias nuvens, as seguintes preces :

A AMANTE.

O' nuvens, que velozes, ides passar per o sitio onde existe o meu amado; porque me deixais aqui sozinha, e olvidada pelo cruel, que ri de meus tormentos?...

Ah! doei-vos de mi, e levai-lhe, da parte de sua aggravada spôsa, estas ternas queixas :

«Tempo não é ja, ingrato, de pôtes termo a deleites, que sem mi desfructas?... Que!... quando bandos de aves, sulcando a azul campina, endireitam o vôo á nativa stancia; quando, sedento o pardal, vem pedir á tenra femea algumas gôttas de celeste ambrósia, consentes, o' cruel, que me eu fine em desejos?...

«Trajam novo matiz as borrifadas leivas; e o vivificado *Tchtaka* bebe, em limpidos ares, purissimo rócio: soam na floresta jocundos gritos d'essa ave de cerulco collo: tudo, álfim, respira mutuaes deleites!... e, so tu... podes gostar prazeres longe d'aquella, que tanto t' idolátra?...

«Em meio d'esses amorosos cantos, mil vezes mais suaves que a selecta harmonia, releva que eu exhale angustiados suspiros? releva que o Amor,

alongando tua volta , se ostente so cruel
para comigo ?...

« A' vista do pallor, que me tinge as
faces ; dos cabellos , que desalinhados ,
me ondeam sôbre o seio , deixarás inda
de apiedar-te ; deixarás de carpir aquella,
que so acha conforto na lembrança de
tua passada ternura ?...

« Devem, acaso, bosques, e lamedas
esconder minhas lagrymas em seus fe-
chados ramos ?... Ai ! quando , a spaços,
recobra o ceo a branda serenidade ; por-
que não vens, com meigos olhos, rarcar
a densa treva, que me enlucta a vista ?...»



A AMANTE A' SUA AMIGA.

Mas, infeliz que sou ! mudaram-se os
caminhos em perigosas quebradas : ou-
tra vez fende o bojo da nuvem lethifero

raio; e o insidioso amor faretra, a cada instante, este misero coração. Aconselha-me pois, o' socia fiel de meus desgostos, o que devo obrar, para extinguir a chamma, que me abrasa, n' ausencia do bem-amado?...

Olha como o sôpro dos ventos embala os ramos d'esses viçosos *Ketakas!*... Olha como elles sobejam ás mais árvores da floresta, em suavissimo aroma!...

Sem duvida Brahmá, oh árvore delectosa! vestindo-te de tantas graças, quiz abafar com tua sombra amorosos segredos!... mas, ah! que so é dado a pares felices conhecer quanto vales!

Incomparavel *Nipa*, objecto de meus cultos; e em cujas mimosas flores vejo sorrir-se Amor... per ventura, cruel, não zombas tu de minhas penas, abrindo-

me ante os olhos esse festivo spectaculo? E, quando passear devera iuebriada a vista per tua lustrosa folhage, so me compete morrer?...

Ve, o' doce amiga, como a afanosa abelha, zumbindo, labora, emtórno ó jasmineiro; como se pendura de seus ramos; e como liba, a revezes, em suas alvas flôres, essas góttas d'orvalho, que remedam luzentes pedrarias.

Ai! bellas florinhas, sois iueja minha!... ditosas aquellas, que, como vós, gozam, em aureos dias, os mimos do amado; e, banhadas em almo gôsto, lhe descobrem seu mais occulto thesouro!...

NARRAÇÃO.

Todavia, veloz nuncio, librado sóbre os ventos, entorna nos ouvidos do cul-

pado spôso, as tristes queixas da consorte. Elle, anhelando obter-lhe o perdão, parte, voa; e, a cabo de poucos dias, a luctuosa stancia se converte em delicioso alcaçar.

EPILOGO.

O' vós, que dais ouvidos a meus cantos, polos favores d' aquella, que me escravizou os pensamentos, o juro: sim, juro-o, molhando os dedos na pura água do sacrificio... Apareça um so poeta, que me avantaje nas bellezas d' estes versos, e eu me obrigo a lhe ir tirar água do Ganges em furada urna.

FIM DO IDYLLIO.



<http://biblioteca.ciarte.pt>